

O Patológico

Março/Abril 1994

Ano 31, Número 1

EDITORIAL

Balanco de Início de Ano - Pg. 2

COORDENADORIAS DO CAAL

COBREM - Pg. 3

Juliana Pereira Torquato (XXX)
Coordenadoria de Imprensa e Divulgação

Balancete - Pg. 4

Ivander Bastazini Jr.
Coordenadoria de Finanças e Patrimônio

Uso do Computador - Pg. 5

Gustavo Fraguas (XXIX)
Coordenadoria de Informática

ENSINO MÉDICO

Onde Estão As Mudanças - Pg. 5

Andréia Vasconcellos Faria (XXXI)

Comissão de Ensino Referenda Nota Sete - Pg. 6

Adriano G. de Arruda Botelho (XXIX)

Teoria e Prática: Como Encarar Este Abismo - Pg. 6

Priscila (XXXI)

Opinião - Pg. 7

Fernando Malvar

ESPAÇO ABERTO

Calourada 94 - Pg. 9

Calouro Bilau

Um Contra Todos e Não Todos Contra Um - Pg.9

Marcos A. Santos (XXXI)

Ode ao Ícone da XXXII - Pg. 10

Ao Juni, das Suas Gueixas - Pg. 10

Coordenadoria do CAAL

Coordenadoria Geral

Leonardo Fantinato Menegon (Leo) - XXX

Finanças e Patrimônio

Ivander Bastazini Jr. - XXVIII

Fabício Teno Castilho Braga - XXVIII

Luiz Carlos Felício Jr. (Coronel) - XXVIII

Coordenadoria Científica

Newton César de Freitas - XXVII

Renato Zocchio Torresan (Alemão) - XXVII

André Ricardo (Boca) de Freitas - XXVII

Fábio Luís Salata - XXVIII

Gustavo Cortes Vieira (Gordo) - XXIX

Imprensa e Divulgação

Maria Fernanda C. R. Campos - XXX

Juliana Pereira Torquato - XXX

Priscila Ribeiro Huguet - XXXI

Marcos Antonio dos Santos - XXXI

Ensino

André Ricardo (Boca) de Freitas - XXVII

Carlos F. da Silva Cais - XXVII

Gustavo Cortes Vieira (Gordo) - XXIX

Zélia Vieira de Moraes - XXX

Andréia V. Faria - XXXI

Cultura

Michel M. Vieira - XXXI

Maristela S. Spanghero - XXXI

Fernanda L. Andrade - XXXI

Social

Luiz Carlos Felício (Coronel) - XXVIII

Alex Gonçalves - XXXI

Priscila R. Huguet - XXXI

Fernanda L. de Andrade - XXXI

Luciahelena M. Pacheco Prata - XXXI

Informática

Newton C. de Freitas - XXVII

Renato Z. Torresan (Alemão) - XXVII

Gustavo B. Fraguas - XXIX

Juliano de Lara Fernandes - XXXI

Relações Externas

Juliano C. Shiguematsu - XXVII

Juliana P. Torquato - XXX

Alex Gonçalves - XXXI

EDITORIAL

BALANÇO DE INÍCIO DE ANO

O início deste ano envolveu principalmente quatro atividades importantes desenvolvidas pelo CAAL: Calourada, consulta à comunidade para escolha do próximo reitor, eleição para Congregação e "Semana da Formação Profissional".

1) **CALOURADA:** dentre as quatro atividades, com certeza esta foi a que mais dispendeu tempo e trabalho. Foi uma semana de organização (desde palestrantes até o Churrasco do Bixo, não esquecendo do trezinho e da chopada) para que tudo estivesse no lugar certo, na hora certa. No cômputo geral, a Calourada demonstrou um saldo positivo dentro de nossas

expectativas. Tudo correu bem, sem nenhum incidente que pudesse de alguma forma comprometer o espírito da recepção; o trote apesar de mais forte que o dos anos passados, não foi violento (e abro aqui um parêntese pra alertar alguns veteranos que não entenderam que o espírito da Calourada é de entrosamento e não de humilhação); as atividades (abertura, aula trote, pedágio, chopada, visita HC, palestras, etc) foram apreciadas tanto por calouros, quanto por veteranos. Isto leva a crer que o primeiro contato do calouro com a faculdade e com os veteranos foi muito proveitoso, propiciando um bom entrosamento inicial, de forma que a Calourada cumpriu com êxito seu objetivo.

2) **CONSULTA:** a respeito do processo de escolha do próximo reitor existem vários pontos importantes a serem ressaltados. Primeiramente, a má formulação do calendário para os dias de votação, onde o primeiro turno é realizado apenas vinte e dois dias após o início das aulas, prejudicou o contato mais aprofundado dos candidatos (e seus programas) com os eleitores. Desta forma, muitos alunos se abstiveram do voto por total falta de conhecimento acerca dos candidatos e outros tantos votaram sem bem saber em quem. Há ainda a lamentável parcela dos que não votaram por falta total de interesse, constituindo-se de alunos que não têm capacidade de avaliar o

quão importante é esta eleição e o quão fundamental é sua participação ativa através do voto. Diga-se de passagem que por volta de 9000 do total de 13000 alunos não votaram. Plagueando Bóris Casó: isto é uma **VERGONHA!!**

Outro ponto importante a ser ressaltado é o posicionamento do CAAL com relação aos candidatos. Entre os dias 21 e 25 de fevereiro foram realizadas no CAAL reuniões abertas com os reitoráveis, individualmente, para que nós (alunos e membros do CAAL) pudéssemos conhecê-los melhor e, possivelmente, apoiar o que mais se identificasse com o perfil de candidato desejado para reger esta universidade e pelo que mais se afinasse aos nossos objetivos. Após essas reuniões chegou-se a um consenso de que o CAAL não apoiaria nenhum dos candidatos. E o fato de nos posicionarmos assim se deve a alguns fatores:

* não houve consenso após as reuniões, por parte dos próprios alunos, em torno de um candidato, que fosse justificado pela congruência de nossos anseios com as idéias apresentadas pelos reitoráveis.

* o pouco tempo de participação dos alunos neste processo (devido a má formulação do calendário) e consequentemente as poucas discussões em torno do assunto, não nos permitiram perceber entre os alunos um nome de aprovação majoritária. Portanto, o CAAL não apoia nenhum dos candidatos, mas

O Patológico

Órgão Informativo do Centro
Acadêmico Adolfo Lutz

Coordenador Geral
Leonardo Fantinato Menegon - XXX

Coordenadores de Imprensa e
Divulgação
Juliana (XXX), Fernanda (XXX), Priscila
(XXXI), Marcos (XXXI)

Edição e Diagramação
Comissão de Informática do CAAL

Tiragem: 1000 exemplares

Aceitação de artigos até o dia 15 de cada
mês. Os artigos devem ser entregues no
CAAL ou aos Coordenadores de Imprensa.

Rua Roxo Moreira s/nº
Cidade Universitária Zeferino Vaz
Campinas - SP

incentiva sempre a discussão em torno do assunto, como se fez nas reuniões realizadas com os reitoráveis, e reitera a importância da participação dos alunos nas votações, para que ele expresse sua voz e sua importância dentro da universidade.

3) **CONGREGAÇÃO:** foi realizada nos dias 9 e 10 de março, no prédio da FCM, a eleição para escolha dos membros participantes da Congregação da nossa Faculdade. O CAAL só veio saber desta eleição um dia antes da sua realização, quando, no dia 8, recebemos a convocatória da FCM. Não houve tempo, portanto, de divulgarmos para os alunos os dias de eleição e nem para que os alunos pudessem discutir o assunto e surgissem possíveis interessados em participar como candidatos. Desta forma a participação seria irrisória, fazendo com que a eleição dos representantes discentes para o órgão máximo da nossa Faculdade perdesse totalmente sua importância. Além destas interpéries, existe um artigo no Estatuto da Unicamp, de número 223 que diz: "...As eleições para a escolha dos representantes estudantis serão realizadas no mês seguinte ao do início dos trabalhos escolares do ano letivo da Universidade..."

Baseados nestes dois fatos, solicitamos a FCM que adiasse a eleição de forma a atender estas duas requisições, que de forma compreensiva e imediata foi atendida. Desta forma, a eleição para escolha de representantes discentes da Congregação será

realizada nos dias 17 e 18 de maio. Desde já os alunos devem começar a discutir sobre este que é um dos assuntos de extrema importância na nossa faculdade. Os interessados em fazer parte da Congregação lancem-se como candidatos, deixando seu nome no CAAL.

4) **"SEMANA DA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL":** realizou-se na semana de 4 a 8 de abril um evento na Universidade, criado e promovido pelo DCE, e organizado pelos C.A.'s, com o intuito de discutir a formação do profissional na nossa Universidade e, em particular, em cada instituto. O CAAL por falta de tempo hábil para organizar este evento de forma a não prejudicar sua qualidade, resolveu adiá-lo, para que um assunto de extrema importância para nós alunos não seja comprometido pela sua precipitada realização. Desta forma, temos um precioso tempo para refletirmos sobre este assunto que se não o mais, é um dos mais importantes pra nossa vida acadêmica e profissional, de forma a estarmos mais preparados para participar das discussões. Assim que confirmada a data, faremos a divulgação e esperamos sua participação!

Para encerrar este balanço de início de ano, vai um "alerta": **PARTICIPAÇÃO.**

Todos os alunos devem refletir, pensar, questionar, opinar, propor, criar, enfim, participar ativamente de sua vida universitária (além de estudos e

festas), pois só desta maneira podemos mudar nosso presente e construir um futuro cada vez melhor para nós mesmos.

Citando Engenheiros do Hawaii, numa referência à juventude: "...com a cara limpa, a roupa suja, esperando que o tempo mude." Até quando esperar pela mudança do tempo? Até quando sermos apenas observadores dos fatos? Até quando este nível absurdo de abstenções numa eleição de tamanha importância? Até quando só reclamarmos, ao invés de agirmos? E você, até quando?

Coordenadorias do CAAL

VI COBREM

JULIANA PEREIRA
TORQUATO - Coordenadoria de
Relações Externas

De 30 de janeiro a 5 de fevereiro realizou-se em Porto Alegre o VI Congresso Brasileiro de Estudantes de Medicina, fórum do Movimento Estudantil de Medicina. Foram cerca de 400 participantes, delegados e representantes de faculdades de todo o Brasil, alojados nas dependências da UFRGS.

Foram sete dias muito proveitosos. Durante o dia, participamos de palestras, mesas redondas, grupos de discussão, grupos de trabalho, votações, plenárias... À noite,

muita festa, samba, lambada, carimbo e vaneirão (dança gaúcha); muitos garrafões de vinho e rodas de chimarrão (apesar do calor, todos adoraram esse hábito "tri-gaúcho"); muita música de todos os lugares, ao som de violões, pandeiros, flauta; mesas de truco, rodas de capoeira... Muito entrosamento entre as pessoas dos variados cantos, amizades novas, romances...

As discussões mais importantes e produtivas do COBREM foram a respeito de projetos de extensão universitária, o papel da DENEM no movimento estudantil, o projeto da CINAEM para avaliação das

escolas médicas, e os planos de intercâmbio no exterior para estudantes de Medicina pela Coordenadoria de Relações Internacionais da DENEM. Sobre esses assuntos serão feitos artigos específicos nos próximos Patológicos.

O papel fundamental desse e de outros encontros e fóruns é a troca de experiências entre os vários C.A.s de D.A.s, que atuando em diferentes realidades e com diferentes condições, enfrentando muitas vezes os mesmos problemas. Esse tipo de intercâmbio é muito positivo, surgem novas idéias e as pessoas adquirem novo fôlego para trabalhar. O COBREM foi especialmente interessante nesse

ponto, pois nunca houve tantas faculdades paulistas reunidas e com vontade de se conhecer e se ajudar. Junto com o pessoal do Paraná, formamos a Regional Sul II da DENEM. Surgiram planos até para um Encontro Regional (EREM) a ser realizado ainda no 1º semestre, em Curitiba. Vamos trabalhar para que dê certo!

Enfim, o COBREM foi muito bom. Esperamos que o próximo encontro seja em Curitiba. E a notícia mais importante ficou para o final: o aguardadíssimo ECEM desse ano será em Salvador, no período de 23 a 30 de julho. Avisa lá que eu vou! •

BALANCETES CAAL

Ivander Bastazini Jr. - Coodenadoria de Finanças

JANEIRO/94

- Despesas com assinaturas -	36.224,00
- Despesas com café -	17.682,38
- Despesas encargos bancários -	2.762,25
- Despesas com deptº pessoal -	132.250,00
- Despesas com manutenção -	16.522,14
- Despesas com papelaria -	38.252,00
- Despesas com transportes -	8.100,00
- Receita alugueis -	298.178,65

DEMONSTRATIVO

- Saldo inicial -	526.095,35 C
- Total despesas -	251.792,77
- Total receitas -	298.178,65
- Saldo em caixa -	572.481,23 C

FEVEREIRO/94

- Despesas encargos bancários -	3.509,59
- Despesas com manutenção -	27.166,90
- Despesas parcial com calouros -	307.350,00
- Despesas com deptº pessoal -	85.486,69
- Despesas com papelaria -	7.240,00
- Receita alugueis -	684.578,82

- Receita juros aplicações -	217.411,24
- Receita patrocínio -	300.000,00

DEMONSTRATIVO

- Saldo inicial -	572.481,23 C
- Total de despesas -	430.753,18
- Total de receitas -	1.201.990,00
- Saldo em caixa -	1.343.718,10 C

MARÇO/94

- Despesas com assinaturas -	18.000,00
- Despesas com café -	24.263,00
- Despesas com encargos bancários -	4.876,34
- Despesas com calourada -	1.271.630,00
- Despesas com deptº pessoal -	197.292,00
- Despesas com transportes -	5.000,00
- Receita alugueis -	911.641,96
- Receita calourada -	975.000,00

DEMONSTRATIVO

- Saldo inicial -	1.343.718,10 C
- Total de despesas -	1.521.061,30
- Total de receitas -	1.886.641,90
- Saldo em caixa -	1.709.299,00 C

USO DO MICROCOMPUTADOR

GUSTAVO FRAGUAS -
Coordenadoria de Informática

No final do ano passado o CAAL adquiriu junto à FCM um microcomputador 386 DX. Nele foi instalado programas de uso múltiplo, tais como: WINDOWS, BANNER, DBASE, AVERY LABEL, entre outros.

O uso do micro poderá ser feito por qualquer aluno de graduação, residente ou docente. Para que isso se realize, deverá ser preenchido um requerimento no CAAL para posterior aprovação da Comissão de Informática (Gustavo, Newton, Alemão e Juliano).

A Coordenadoria se dispõe a dar assessoria aos que necessitarem. Além disso está previsto a instalação de um Fax-Modem e novos programas. AGUARDEM !!! •

Ensino Médico

ONDE ESTÃO AS MUDANÇAS?

ANDRÉIA VASCONCELLOS
FARIA - XXXI

Em outubro do ano passado realizou-se na Faculdade de Medicina uma revisão do currículo das disciplinas do curso desde os anos básicos até o internato. Pela

primeira vez foi concedida aos estudantes a oportunidade de não só criticar com também de apresentar propostas de aplicação prática cujos resultados seriam sentidos numa melhoria do ensino até mesmo a curto prazo.

No dia vinte daquele mês, em que foram discutidos os problemas e propostas de todos os anos entre acadêmicos e docentes, cumprimos bem nossa função apresentando de forma clara o que esperávamos que fosse modificado dali para frente. Assim, ficamos na expectativa de que, no próximo ano, já começa sem a ser tomadas medidas por parte dos chefes de departamentos que correspondessem às conclusões a que tanto eles quanto nós chegamos após a revisão.

Como aluna do 2º ano pude perceber que, em relação ao 1º, ainda nada mudou. O curso de Bioquímica é um exemplo. Um de seus pontos mais deficientes é a falta de didática dos docentes que, de consenso geral, costumam, com raras exceções, ministrar aulas cujo entendimento é quase impossível. É claro que tocar num ponto como este é exigir demais das modificações propostas num período de tempo pequeno, porém a dificuldade em alterar esta situação não justifica sua imutabilidade.

Os professores menos didáticos deste curso são contraditoriamente aqueles que ocupamos mais elevados postos dentro da hierarquia do corpo docente (MSs 5 e 6). Relevando os méritos reconhecidos destes pesquisadores, propõe-se que as "promoções" dentro desta

hierarquia sejam recebidas não só pela produção de trabalhos científicos destes profissionais como também pelo seu desempenho em sala de aula que poderia ser determinado pela avaliação dos próprios alunos através de questionários e sugestões que teríamos plena competência em organizar se soubéssemos que os resultados seriam postos em prática. Tal proposta deveria ser discutida até mesmo de maneira mais ampla como propôs o DCE. Assim, tornaríamos a hierarquia mais acessível e flexível além de conseguir meios para assegurar o bom desempenho dos docentes.

Mas este, infelizmente, não é o único problema da Bioquímica (e nem é exclusivo, aliás). O tempo oferecido às atividades é mal distribuído dedicando-se poucas horas às aulas propriamente ditas se comparadas às tardes inteiras voltadas seminários que pouco nos acrescentam. Além disso, detalhes ínfimos esquecidos logo após as provas (quando não antes) poderiam ser suprimidos para que se desse maior importância ao que realmente interessará em nossa formação médica. Esse parece ser, aliás, o grande problema de todas as matérias do básico, já que é tão repetidamente comentado, precisa e deve ser registrado.

Seria útil que se adotasse, portanto, uma apostila redigida pelo próprio departamento (como o faz o curso de Anatomia Topográfica) que contivesse uma seqüência linear e menos detalhista da matéria. Muitas vezes nos vemos perdidos frente

a uma vasta e minuciosa bibliografia que muda totalmente de ênfase com cada professor. A sensação que nos fica é de que a Bioquímica não é uma sequência lógica e sim uma reunião de processos químicos independentes. Com isto se perde o principal: o sentido do que nos é útil ou não dentro da matéria.

Fica difícil, a propósito, avaliar a importância das aulas de laboratório. A impressão que temos é que causamos apenas um gasto de material, pois acabamos por sair delas com exatamente o mesmo conhecimento com que entramos. Talvez, a única coisa que possamos aproveitar é o fato de saber que até mesmo num dos pólos científicos do País, como o é nossa Universidade, ainda se utiliza material obsoleto e se considera que só o fato de levar o aluno ao laboratório e apresentar-lhe algumas técnicas crie nele uma disposição científica que, ao contrário, deveria ser formada com o questionamento de nossa criatividade.

Tudo isto já tenha sido dito e registrado no ano passado e, neste ponto nada mudou. A primeira aula que o calouro recebe, com imensa expectativa, continua sendo decepcionante. Mais decepcionante ainda ela é para nós, pois põe por terra as esperanças que tivemos ao considerar que era real a oportunidade para melhorar nossa formação acadêmica e deprime nosso entusiasmo em continuar apresentando propostas. O básico, sem alterações, continua expulsando, por falta de estímulo, profissionais de grande

capacidade que poderiam dedicar-se às áreas de pesquisa que ele oferece, se não fossem obrigados a participar, diariamente, de um desafio à sua vocação. •

COMISSÃO DE ENSINO REFERENDA NOTA SETE

ADRIANO G. DE ARRUDA
BOTELHO - XXIX

Na reunião do dia 08 de março p.p., a Comissão de Ensino ratificou por unanimidade a norma adotada no primeiro semestre do ano passado pela disciplina de Medicina Interna, segundo a qual o aluno precisa obter nota 7 (sete) para não ir para exame, podendo ser aprovado com nota 5 (cinco) no exame.

A decisão da Comissão de Ensino, no meu entender, fere a lei de diretrizes e bases do Ministério da Educação e o Guia do Aluno (este, por certo, um excerto do Regimento ou Estatuto da UNICAMP). Em seu artigo 60, o Guia do Aluno diz:

“São condições de aprovação:

1 - obter nota final igual ou superior a cinco (5,0);

(...)”

Na interpretação da Comissão de Ensino, a “nota final” a que se refere o artigo 60 inclui a do exame. De acordo com essa interpretação, qualquer de partamento pode estabelecer nota mínima sete, oito, nove ou

dez para que o aluno não “fique” de exame. Também deixa de haver sentido fazer as provas durante o semestre, porque é muito mais fácil obter cinco na última prova (nesse sistema, todas as provas são desprezadas, computando-se apenas a nota do exame). Não se sabe o que aconteceria se o aluno obtiver, por exemplo, 6,5 (seis e meio) e recusar-se a fazer o exame. O departamento irá reprová-lo, alterando sua nota? Ou o sistema será desprezado e o aluno aprovado? Ou depende de cada aluno que tirou aquela nota? Ou depende de cada departamento? No ano passado, eu fui reprovado na Medicina Interna, com nota 5,8 nas provas regulares, e obrigado a submeter-me a exame final. Alguns alunos com média menor que sete foram aprovados sem exame final.

Na reunião estava presente um único representante discente, Michel, do segundo ano. •

TEORIA E PRÁTICA: COMO ENCARAR ESSE ABISMO?

PRISCILA - XXXI

Nós, estudantes de Medicina, durante boa parte da vida acadêmica, aprendemos a importância da relação médico-paciente, quando nos é incubida uma visão altamente respeitosa em relação ao próximo.

Saindo das salas de aula, ainda impregnados desses

conceitos, nos deparamos com a realidade: quem já acompanhou consultas em centros de saúde, sobretudo fora de Campinas ou Paulínia, que ainda são tidos como lugares privilegiados onde a saúde pública é menos pior que outras cidades (como as do Nordeste, periferias do Rio de Janeiro, etc), costuma indagar-se, perplexo: de que lhe serviram todas aquelas discussões? É nessa hora que se depara com o abismo teoria/prática, que acaba por espantar os alunos das aulas que tratam disso, por considerarem os temas urtóticos e a discussão, inútil e demagoga.

A OMS estabelece que uma consulta médica pode (e deve) ser realizada em 15 minutos na área pública, devido à grande demanda. Isso significa que, em 4 horas, o médico deve atender a 16 pacientes. Caso todas as consultas sejam de retorno, os 15 minutos serão até suficientes. Mas essa padronização é preciosa a qualquer atendimento, pois os indivíduos possuem diferentes queixas, e o diagnóstico pode ser dado após 5 minutos de consulta como podem também seguir-se uma anamnese longa e não muito frutífera, material de exames, etc... sem que se chegue a algo de concreto. O próprio termo "indivíduo" nos mostra o absurdo da padronização do tempo de consulta.

O procedimento em vários centros de saúde é diferente ao invés de um paciente a de 15 min, o médico deve atender a 16 paciente, pressupondo-se que ele permaneça no posto por 4 horas seguidas, trabalhando ininterruptamente.

Infelizmente, alguns

profissionais (?) fazem consultas-relâmpago, e o paciente nem as menos é tocado. As etapas não são "queimadas" e o médico (?) limitar-se a medicar o paciente como lhe convier, a fim de se ver livre do penoso encargo e poder sair mais cedo para seus outros vários empregos.

Não seria justo, no entanto, generalizar. Conheço profissionais de centro de saúde extremamente interessados e satisfeitos com o que fazem, a despeito de todas as dificuldades enfrentadas. São ótimos profissionais que trabalham em centro de saúde não por incompetência ou falta de recursos para montar seus consultórios, mas por amor à profissão e ao próximo.

É lamentável que os baixíssimos salários afastem os seus profissionais (salvo raras exceções) da área pública.

É pena, também, que para garantir nossa presença do início ao fim das aulas que tratam disso, seja necessário verificar a presença na entrada e na saída das mesmas (nesses momentos, uma sensação de "déjà-vu" me remete aos meus tempos de primeiro grau).

Quisera eu ter aulas mais próximas à realidade, ou melhor (aliás, muito melhor), quisera eu que a realidade se aproximasse das discussões de aula, então esse incômodo sistema de verificação de presença tornasse desnecessário (sendo esse o menor dos progressos) pois as discussões seriam tratadas com a seriedade necessária, e não como produto de idealistas desvinculados à esfera terrena.

OPINIÃO

FERNANDO MALVAR

Quem somos nós? "Alunos de Medicina". Quantas interpretações podemos tirar desse título que nos foi dado ao ingressarmos na Universidade? Somos alunos ou somos médicos? Tem gente que confunde. E quando formos médicos, deixaremos de ser "alunos" (entre aspas por causa da "vida")? Sob esse rótulo que merecidamente (!) ganhamos ao passar no vestibular, somos massificados sem, no entanto, cada um deixar de sonhar com o reconhecimento individualizado que anseia: "Um dia vou ser um bom médico, reconhecido pelo meu trabalho".

Que pena sermos tão sacrificados durante o curso de graduação! Senhorase senhores, aí estão os chatos alunos que estão vindo para **aprender**: mas será possível? Eles **não sabem** nada! Diante da incoerência, **prostramo-nos**. Abrangentemente, a Universidade parece que não foi feita para os graduandos (todos sabemos e sentimos) - nem cabe discutir isso nestes curtos trechos... Caímos de volta à realidade e estamos aqui, na Faculdade de Ciências Médicas (subdivisão da dita Universidade), onde a regra não foge à exceção de sermos "médicos". Cada departamento, nessa regressão finita tem seu estilo de ser, determinado pelos docentes que o compõe e que, ao que parece, seguem a incoerência supra-citada (salvo as exceções que todos conhecem).

Esclarecendo: ouvimos por todos os lados discursos sobre a necessidade de entendimento entre alunos e departamento - e os último dizem-se aberto a críticas e sugestões e, ainda, dispõem-se a analisar sob a luz da sabedoria a necessidade primeiras.

A sabedoria dos dinossauros - anos de experiência em sua especialidades - diz o seguinte: críticas e sugestões serão aceita dos alunos que freqüentam o curso e que apresentam boas notas, porque estes saberão realmente avaliar o que se passa. O interessante é que o sábio poderia saber mais. Espertos eles. Quem está não precisa reclamar e quem poderia dizer algo não merece crédito. A surdez pousou no elo, agora perdido de vez.

Somos gente. Pessoas querendo aprender por processo cumulativo e seletivo. No meio do curso, o volume de informação "derrubado" sobre os alunos é absurdo. É absurdo pela redundância de cada docente acreditar que a sua matéria é importante. Afirmativamente, é. Mas qual a necessidade de um aluno - nem médico, nem especialista, nem super-dotado - saber os rodapé e as entrelinhas dos assunto? Pergute ao **médico** (pode ser recém-formado ou o mais experiente): O que é, qual o mecanismo de ação e qual grupo químico pertence a CAPSAICINA? Pode também ser que o **farmacologista** não se lembre e recorra aos livros para se recordar dos pontos que já conhece e aspectos afins que ainda possa aprender. Pois é, ainda aprender.

Precisamos ser mais

humildes.

Temos que aprender tudo? Sim. Precisamos ser avaliados pelos detalhes das coisas? Talvez. Temos muito tempo para sedimentar, com a prática, tudo que absorvemos. Precisamos mais honestidade, compreensão e mesmo inteligência. Difilmente um aluno que sai de sua cidade, que mora em condições impróprias para o estudo, que tem problemas financeiros, que compartilha problemas importante das outras pessoas o cercam, que tem uma família com problemas maiores que os seus, e tantos outros "eticéteras" individuais que cada estudante carrega consigo, com certeza vai aproveitamento 100% deste tão importante curso.

A FCM tem problemas

sérios. Estruturais - quanto ao currículo (organizar um estudo é assunto urgente); com relação aos docentes alguns que exigem demais, ou acham que possuem didática perfeita, ou odeiam dar aula, ou fazem discursos bonitos sobre relação professor-aluno e depois acuam seus "pupilos", ect, e tal. Emocionais - a satisfação de todos em dar e receber cultura e as chaves de uma profissão.

Enfim a política do **cada-um-na-sua** não dá mais certo. Para o aluno participar de discussões honestas, faz-se necessário um fórum aberto, organizado e, talvez acima de tudo, sem as estúpidas agressões pessoais. É preciso um estudo com tempo e organização para descobrir quem somos nós: alunos necessitando aprender. •

PREPAREM-SE!
VEM AÍ
SHOW
MED
NO 2º SEMESTRE

Espaço Aberto

CALOURADA 94

CALOURO BILAU - Relator pela
XXXII turma

A experiência da calourada, apesar dos trotes que esse ano parecem ter sido um dos mais "pesados" dos últimos anos, segundo algumas opiniões de veteranos, foi muito importante para o entrosamento da classe.

A galera da 32ª, apesar do pouco tempo que está junta, já se mostra ser uma turma muito unida. Também pudera, a intensa programação da calourada fez com que nós calouros estivéssemos constantemente em contato não só com o pessoal de nossa turma, como também com os veteranos, fazendo com que essa integração fosse muito intensa.

Bom, já chegou a hora de parar de puxar o saco dos veteranos, e apontar alguns defeitos que encontramos na primeira semana do trote, que percebemos que permanecem até agora, e já que estuporamos a piririca e arreventamos a boca do balão, vamos botar lenha na fogueira: a única turma que realmente se interessou em manter uma relação com a 32ª foi a 31ª, sendo que as outras só se lembraram da classe que enfrentou e venceu sem maiores dificuldades o vestibular de maior concorrência da história brasileira, apontando apenas 118 candidatos por vaga, apenas para dar trotes, humilhar a galeria de gênios da 32ª, sendo que nós na

nossa posição de bicho, tivemos que aguentar toda uma série de brincadeiras, que para os veteranos pareciam ser bem engraçadas, mas que para nós não tiveram a menor graça. Servimos de palhaços num imenso circo.

É, mas como dizem que trote é uma bola de neve, a nossa turma quer deixar um pequeno aviso: a 33ª que se prepare, pois já não podemos nos rebelar, descontaremos toda a humilhação que estamos sofrendo, em dose dupla nos próximos calouros. É isso aí!!!

P.S.: Só para não perder o hábito, recém adquirido em nossa curta, porém muito produtiva temporada aqui na UNICAMP, vamos deixar outro recadinho: 'PAU NO CÚ DA pucc !!!' •

UM CONTRA TODOS E NÃO TODOS CONTRA UM

MARCOS A. SANTOS - XXXI

Todos são iguais perante a lei, mas diferentes segundo a lei de cada um de nós. O último louco a levar adiante suas idéias de raça superior com relativa repercussão ostentava uma suástica no lado esquerdo do peito, e morreu engolido pela mais concreta derrota que um único ser vivo pôde amargar.

Este ano, diferentemente dos anteriores, não haverá INTERANOMED, e com o perdão da generalização mais

do que perigosa, o único culpado é o pequeno Hitler, escondido, uns mais, outros menos, dentro de cada um de nós, acadêmicos da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, segundo alguns, a melhor do Brasil e segundo outros a quinta do País.

Independente dos nossos irmãos engenheirandos estarem ou não com a razão, certamente, no tocante ao civismo, ou até mesmo às mais banais regras da ética da convivência, não figuramos entre os primeiros colocados. Certas atitudes perfeitamente injustificáveis cobrem de razão, e não de inveja (antes que isso sirva de consolo) os responsáveis pela FEF, pela não concessão das quadras para a realização do referido certame, uma vez que não se tem notícia de nenhum considerável aumento do corpo discente da UNICAMP, utilizador das referidas quadras. Como se pode ver os problemas não é simplesmente de ordem infra-estrutural. Resta a questão: podemos chamar tal situação de boicote? No fim do ano passado, para ficar como exemplo, a Faculdade de Educação Física fechou as suas portas por um dia inteiro em represália a vandalismos, a atitudes desmerecedoras de notoriedade, de alunos da FCM.

Toda essa conjuntura pode desencadear duas graves consequências: ou os pequenos Hitlers da FCM passam a sentir orgulho por serem odiados e ostentadores de uma vaga sonhada por mais de cem candidatos em um concorridíssimo e injusto e selecionador e seletivo e oligopolizado e etc, etc, etc, ves-

tibular, vivendo a sós, felizes para sempre, ou continuaremos a nos vangloriar por um maravilhoso e estonteante quinto e honroso lugar na última INTERMED, quando obtivemos praticamente um terço dos pontos da campeã, a USP.

Diante de toda essa discrepância, nos vemos diante de um futuro deveras incerto. Como já se ouvia, "se não treinar, vai cair". E agora que quase não se tem lugar para treinar? Devemos assumir a nossa humilde posição de simples mortais, que é a que realmente nos foi reservada, e aí sim, com os pés no chão, lutarmos por um futuro de sucesso, e justificarmos a nossa posição não só de estudantes, mas de cidadãos da Medicina.

AO JUNI (XXIX)

Das suas gueixas

Império do meu sou ou sol do meu império?
Vem me orientalizar, meu tesudo SAMURAI
Eu cometo um HARAKIRI
Se você não me invadir
Apunhale esse KATANA no âmago do meu ser
E todo o meu corpo vai estremecer... •

ODE AO ÍCONE DA XXXII

Nos teus olhos encontrei meu destino
que até então estava entruncado no meu
coração,

Ah... nunca esquecerei aquele dia em que te vi
a jorrar, entrépido, tua água da sabedoria no
tapetão.

Desde então, tudo mudou
e o meu GianCarlo, no Bilau se transformou
Teu requebrado é a perdição das veteranas,
teu jeito meigo, teu sorriso maroto...
Ah... como me lembram aquele dia no
tapetão...

Teu brilho cegou todas calouras e
tua força subjugou teus irmãos carecas
de tal modo que por aclamação geral,
nosso representante de classe tu te tornaste.
Teu futuro, no fundo, estava predeterminado
no dia em que tua santa mãe te pariu
e o médico atônito gritou:
Olha o Bilau, é um menino.
E desde então, bendito és tu Bilau,
ícone da trinta e dois,
resquício ilustre do tapetão. •

Comissão Organizadora do

III CONGRESSO MÉDICO ACADÊMICO DA UNICAMP

Reunião às terças-feiras, às 12:30hs no
CAAL

Abertas a todos os interessados

ERRATA

Devido a erros na impressão do texto "Teoria e Prática: como encarar esse abismo?", que o tornou deturpado, prejudicando assim sua fiel compreensão, veiculamos esta errata:

TEORIA E PRÁTICA: COMO ENCARAR ESSE ABISMO?

Nós, estudantes de Medicina, durante boa parte da vida acadêmica, aprendemos a importância da relação médico-paciente, quando nos é incubida uma visão altamente respeitosa em relação ao próximo.

Saindo das salas de aula, ainda impregnados desses conceitos, nos deparamos com a realidade: quem já acompanhou consultas em centros de saúde, sobretudo fora de Campinas ou Paulínia, que ainda são tidos como lugares privilegiados onde a saúde pública é menos pior que outras cidades (como as do Nordeste, periferias do Rio de Janeiro, etc), costuma indagar-se, perplexo: de que lhe serviram todas aquelas discussões? É nessa hora que se depara com o abismo teoria/prática, que acaba por espantar os alunos das aulas que tratam disso, por considerarem os temas utópicos e a discussão, inútil e demagoga.

A OMS estabelece que uma consulta médica pode (e deve) ser realizada em 15 minutos na área pública, devido à grande demanda. Isso significa que, em 4 horas, o médico deve atender a 16 pacientes. Caso todas as consultas sejam de retorno, os 15 minutos serão até suficientes. Mas essa padronização é perniciosa a qualquer atendimento, pois os indivíduos possuem diferentes queixas, e o diagnóstico pode ser dado após 5 minutos de consulta como podem também seguir-se uma anamnese longa e não muito frutífera, baterias de exames, etc...sem que se chegue a algo de concreto. O próprio termo "indivíduo" nos mostra o absurdo da padronização do tempo de consulta.

O procedimento em vários centros de saúde é diferente: ao invés de um paciente a cada 15 min, o médico deve atender a 16 pacientes, pressupondo-se que ele permaneça no posto por 4 horas seguidas, trabalhando ininterruptamente (desta forma algumas consultas duram 3 minutos enquanto outras mais complicadas tomam 27 minutos, no somatório dos 30 minutos destinados a duas consultas).

Infelizmente, alguns profissionais (?) fazem consultas-relâmpago, e o paciente nem as menos é tocado. As etapas são "queimadas" e o médico (?) limita-se a medicar o paciente como lhe convier, a fim de se ver livre do penoso encargo e poder sair mais cedo para seus outros vários empregos.

Não seria justo, no entanto, generalizar. Conheço profissionais de centro de saúde extremamente interessados e satisfeitos com o que fazem, a despeito de todas as dificuldades enfrentadas. São ótimos profissionais que trabalham em centro de saúde não por incompetência ou falta de recursos para montar seus consultórios, mas por amor à profissão e ao próximo.

É lamentável que os baixíssimos salários afastem os seus profissionais (salvo raras exceções) da área pública.

É pena, também, que para garantir nossa presença do início ao fim das aulas que tratam disso, seja necessário verificar a presença na entrada e na saída das mesmas (nesses momentos, uma sensação de "déjà-vu" me remete aos meus tempos de primeiro grau).

Quisera eu ter aulas mais próximas à realidade, ou melhor (aliás, muito melhor), quisera eu que a realidade se aproximasse das discussões de aula, então esse incômodo sistema de verificação de presença tornar-se-ia desnecessário (sendo este o menor dos progressos), pois as discussões seriam tratadas com a seriedade necessária, e não como produto de idealistas desvinculados da esfera terrena.